



# MEMÓRIAS E EPITÁFIOS

(Textos Nostálgicos)

POR

MÁRIO ANTÔNIO

23

CAPRICÓRNIO

## CADERNOS CAPRICÓRNIO

**destinam-se a revelar e a divulgar  
temas e autores do mundo tropical  
de expressão portuguesa.**

LUCIO LARA

Ulba Freitas

# CADERNOS CAPRICÓRNIO

DIRECÇÃO DE ORLANDO DE ALBUQUERQUE

## **PUBLICADO :**

- 1 — UM GRANDE NEGÓCIO — Orlando de Albuquerque  
— 3.ª edição
- 2 — TEMPO DE CHUVA — Alda Lara — esgotado
- 3 — IRMÃ HUMANIDADE — Jorge de Macedo — esgotado
- 4 — FILIPE CABEÇA DE PEIXE — Manuel Ferreira — esgotado
- 5 — A BOLA E A PANELA DE COMIDA — Benúdia — esgotado
- 6 — TEMPO DE CICIO — Jofre Rocha
- 7 — A ÚLTIMA NARRATIVA DE VAVÓ KIALA  
— Aristides Van-Dunen — esgotado
- 8 — PERSEGUIÇÃO — Maria Emília Roby — esgotado
- 9 — DESTÉRRO DE MIM — Lygia Salema — esgotado
- 10 — O NASCIMENTO DE GÊMEOS ENTRE OS «AMBÓS»  
— Maria Helena de Figueiredo Lima
- 11 — RECADOS PARA DEOLINDA — Afonso Milando
- 12 — CRÓNICA DO GHETTO — David Mestre
- 13 — UM CERTO GOSTO A TAMARINDO — Amaro Monteiro
- 14 — O FILHO DE ZAMBI — Orlando de Albuquerque
- 15 — TEMPO DE ANGÚSTIA — Alberto de Oliveira
- 16 — A-CHAN, A TANCAREIRA — Henrique de Senna Fernandes
- 17 — O JANGADEIRO — Albano Mendes de Matos
- 18 — OS POEMAS DO ITINERÁRIO ANGOLANO — Ruy Cinatti
- 19 — «MESTRE» TAMODA — Agostinho Mendes de Carvalho
- 20 — RESIGNAÇÃO — Aristides Van-Dunen
- 21/22 — O CANTO DO MARTRINDINDE — Ernesto Lara Filho
- 23 — MEMÓRIAS E EPITÁFIOS — Mário António

**CAPRICÓRNIO**

C. P. 364

LOBITO

ANGOLA

CADERNOS CAPRICÓRNIO

# MEMÓRIAS E EPITÁFIOS

(Textos Nostálgicos)

MÁRIO ANTÓNIO

LOBITO, 1974

# CADERNOS CAPRICÓRNIO

DIRECÇÃO DE ORLANDO DE ALBUQUERQUE

## **PUBLICADO :**

- 1 — UM GRANDE NEGÓCIO — Orlando de Albuquerque  
— 3.ª edição
- 2 — TEMPO DE CHUVA — Alda Lara — esgotado
- 3 — IRMÃ HUMANIDADE — Jorge de Macedo — esgotado
- 4 — FILIPE CABEÇA DE PEIXE — Manuel Ferreira — esgotado
- 5 — A BOLA E A PANELA DE COMIDA — Benúdia — esgotado
- 6 — TEMPO DE CICIO — Jofre Rocha
- 7 — A ÚLTIMA NARRATIVA DE VAVÓ KIALA  
— Aristides Van-Dunen — esgotado
- 8 — PERSEGUIÇÃO — Maria Emília Roby — esgotado
- 9 — DESTÉRRO DE MIM — Lygia Salema — esgotado
- 10 — O NASCIMENTO DE GÊMEOS ENTRE OS «AMBÓS»  
— Maria Helena de Figueiredo Lima
- 11 — RECADOS PARA DEOLINDA — Afonso Milando
- 12 — CRÓNICA DO GHETTO — David Mestre
- 13 — UM CERTO GOSTO A TAMARINDO — Amaro Monteiro
- 14 — O FILHO DE ZAMBI — Orlando de Albuquerque
- 15 — TEMPO DE ANGÚSTIA — Alberto de Oliveira
- 16 — A-CHAN, A TANCAREIRA — Henrique de Senna Fernandes
- 17 — O JANGADEIRO — Albano Mendes de Matos
- 18 — OS POEMAS DO ITINERÁRIO ANGOLANO — Ruy Cinatti
- 19 — «MESTRE» TAMODA — Agostinho Mendes de Carvalho
- 20 — RESIGNAÇÃO — Aristides Van-Dunen
- 21/22 — O CANTO DO MARTRINDINDE — Ernesto Lara Filho
- 23 — MEMÓRIAS E EPITÁFIOS — Mário António

**CAPRICÓRNIO**

C. P. 364

LOBITO

ANGOLA

CADERNOS CAPRICÓRNIO

# MEMÓRIAS E EPITÁFIOS

(Textos Nostálgicos)

MÁRIO ANTÔNIO

LOBITO, 1974

MÁRIO ANTÓNIO Fernandes de Oliveira nasceu em Maquela do Zombo em 1934. Aos sete anos de idade seguiu para Luanda, onde fez os estudos primários e secundários. De 1952 a 1963 foi funcionário público em Luanda, indo depois para Lisboa frequentar o Curso de Administração Ultramarina, que tirou com elevadas classificações, sendo chamado logo em 1966 a exercer funções docentes.

Mais conhecido, porventura como poeta e ensaísta, não deixa de ser também notável ficcionista, historiador, sociólogo e investigador de cultura, cada vez a impor-se mais nos meios universitários estrangeiros.

Publicou, entre outras, as seguintes obras: «Crónica da Cidade Estranha», «Farra no Fim de Semana», «Poesias», «Amor», «Poemas & Canto Miúdo», «Gente Para Romance», «Chingufo», «A Sociedade Angolana no Fim do Século XIX e Um Seu Escritor», «100 Poemas», «Para a História do Trabalho em Angola — A Escravatura Luandense no Terceiro Quartel do Século XIX», «Aspectos Sociais de Luanda Inferidos nos Anúncios Publicados na sua Imprensa — Análise Preliminar ao Ano de 1851», «Mahezu», «Rosto de Europa», «Nossa Senhora da Vitória de Massangano», «Luanda, Ilha Crioula», etc..

Ilustração de João Mário

## I

Ficou comigo a imagem das paredes sem janelas dos prédios altos da cidade nova, iluminadas tenuamente na noite estrelada, a textura áspera da ferrugem adocada pelo cacimbo, o vento soprando sacudido do mar, o ansioso perscrutar de um silêncio aprisionado em muros seculares. Que se erguessem os fantasmas intimamente invocados, tão necessários! Que outra coisa habitava o meu cérebro senão a sua ausência? Angustia-me a sua tranquilidade. Descia a velha escada, com memórias de marinheiros do século XIX, e fechava sobre os retardados seguidores uma velha porta de gonzos ferrugentos.

Talvez fizesse calor. Talvez já a fachada precisa da frustração abrisse seu caminho, carótida abaixo, do lado esquerdo do meu peito. Andava. Um rádio ouvia-se através de uma janela iluminada de amarelo; adiante, sob as minhas mãos, passavam como penugem de lagartas, pequenas folhas de arbustos; depois, a ronda sonolenta de um soldado, mães, crianças, homens conversando, namorados. Desde sempre me afligiu a concordância dessa gente, ou o que seja que os faz coexistir em tão delimitados, certos espaços, em qualquer cidade. Bancos de cimento, frios; o empedrado morrendo pouco longe, em grede; memórias ginásticas e desportivas.

Por desporto: um aroma acre, antes adivinhado que espiado, antes apetecido que vivido. O preço pago pelo sexo à verdade, camisolas suadas moldando seios: era preciso prolongar o básquete em baile. Não foi há muito tempo: talvez já sentisse a ponta fina experimentando-me a carótida, do lado esquerdo. Senti-a, ao menos, quando passaram os vapores do álcool do primeiro ganho.

Antes, o álcool fora sempre de baptizado ou de casamento: falta de liberdade. Esta, obtive-a com o primeiro vencimento, logo festejado. A função utilitária, promocional, esperaria mais tempo para se realizar: a luz eléctrica em casa, o pequeno receptor «Phillips».

Casamentos e baptizados — porque sobraram parentes da heca-



tombe. A mestiçagem inaugura um mundo. Quando minha avó, filha de soba, foi viver com o branco, perdeu a sua linhagem. Da sua gente não ficou mais nada além da razão biológica. Ou aquele vago primo, sapateiro, inesperadamente intrometido numa das calçadas da cidade. Pacífico, como é da profissão; fulo; portuguêsão. Cedo o afastariam as execuções fiscais: e como não, se todos os dias o rodeava a rapaziada do grupo de futebol, que tinha seu campo junto da via férrea?

Ele próprio já se não sentia da interrompida linhagem: esquecido na cidade, isolado.

Acima disse que a mestiçagem inaugurava um mundo. Um reparo devo: a primeira geração. A partir da segunda, o esquema complica-se: daí os baptizados, os casamentos. Festas duplas, festas de duas casas: vêm todos os mestiços da cidade beber uísque e cerveja na casa principal; as velhas reúnem-se num quintal, sob árvores propícias aos seus espíritos. Essa geometria não é perfeita, porém. E tanto assim que uma pequena se pode encontrar durante o baile, pelo odor reconhecida como da linha que no quintal parou. Pode trazer um vestido azul, cabelos desfrizados e oferecer-se desatentamente, mas tão boa, ao encosto. Primeiro, um vento intacto; depois, a face lisa, antes de a perlarem gotas de suor. Entretanto, saem até o quintal, chamados pelo cheiro do churrasco afrodisiacamente impregnado de jindungo, vão até as celhas onde molham os antebraços à procura de garrafas de cerveja, os mestiços que se esquecem.

Mas aí também se amplificam e continuam. Amplificam-se pela controlada ressonância da sua loucura, nessas ocasiões, enfim, grande e liberta. A loucura que é sinal da desadaptação do ser que se inicia num clima novo é pobre e submissa, chorada ou resistente.

Recordo os dois irmãos que dormiam no quarto de aduelas, em casa da velha tia alcoolizada. De um retive a imagem persistente e soluçada do protesto de quem se ia embora; do outro, conservo a imagem resistente da pasividade longínqua, horas esquecidas espreitando as brincadeiras dos garotos, um vago sorriso inteligente para as suas audácias, tudo sem uma palavra: era o homem que ficava, por certo ainda hoje me surgiria sujo e sem idade, manso, se eu dobrasse uma esquina do musseque onde ele continua.

Modos diferentes de experimentar a adaptação pelos seres novos.



ARTIST'S MARK

Eram mestiços recentes, sem passado como tais, sem imunidades adquiridas. Dos outros, soube vingarem com a persistência de trepadeiras, numa explosão de primos até o milésimo grau, devida à acção socialmente redistribuidora dos haréns e dos arimos do Bengo, do Dande, do Golungo. Poderosamente resistentes ao desemprego, à falta de água, à doença, pouco lhes resta da vulnerabilidade característica dos seres novos.

E eis-me imbricado em cerradas sociologias; velho vício, hoje estimulado pela curiosidade da Europa-América-e-o-resto, pelos seres frustres da outra humanidade. Como interrogam! E como a coqueteria crioula não resiste a iludi-los! Hoje, o mínimo de resposta certa está em dizer que somos filhos de princesas negras. O que nem mentira é. A linha-gem interrompida era de soba, geralmente: assim procuravam os marçanos recentemente metidos na permuta, facilitar o trato comercial. Filhas de soba, princesas. Nem mentira — e apetece!

Vai-se geralmente em automóvel — do outro, o outro que se especializou em função de cicerone, ajudada por um almoço que ao menos paga—, o especialista do Terceiro Mundo em qualquer dos centros onde se regista a face da África, pergunta de que tribo era a nossa mãe. Como não damos isca a um peixe desses? Por isso, quando pus o pé na Europa, reparei nas estranhas assunções: nomes de instrumentos musicais lidos em revistas de turismo, substituindo os Sousas, os Almeidas, os Vasconcelos, nos cartazes de propaganda de novas vozes nostálgicas de África, os rapazes de panos à bunda nas capas de discos destinados a correrem mundo. Mas que apetece, oh, se apetece!

Surgiu esta conversa toda, reparo, do básquete. Básquete e baile. O campo amodorrado em escuridão. Próximo, um muro cujo cimento me comunica um frio doce. Adivinho a argila amarela, a seguir. De que outros sítios olharia, tão decorada, a paisagem noturna, breves ruídos reflexos aquáticos, pirilampo pirilampejos na escuridão, a mão áspera a impor fidelidade, os olhos com alguma audácia ou medo atávico, e tal aroma?

Pensava no básquete. Sinal de uma *aisance* adquirida. Nada, quase, se não fora sinal. O certo é que poderia dizer em que cacimbo elas descenam à cidade, não para entrar numa igreja ou fazer compras, mas para povoarem as ruas de um novo ritmo de andar. Foi nesse mesmo cacimbo que começaram a exhibir a doçura colorida das suas coxas nos campos de basquetebol. E colheram os primeiros aplausos. Havia um

estranho contraste entre os seus gestos ainda tímidos e os juízos sem hesitação dos homens esqueléticos, de olhos grandes, que lhes batiam palmas. Premiavam-lhes os sucessos com bailaricos, onde elas passavam, inesperadamente, do lançar tímido do braço sobre o pescoço e do medo de que lhes falassem, à gloriosa vitória do paroxismo na música sul-americana.

As luzes apagadas sobre esse tempo. O estranho vazio que pressinto cercar-me. Uma luz com, à volta, flores de buganvília: amei sempre o seu capricho. Não havia então visto como as plantas se afeiçoam ao requinte de côrtes. Não havia ultrapassado as aristocracias sóbrias, terrosas: as das grandes, velhas árvores que transportam terra desde as raízes às folhas coriáceas.

Próximo daqui, um dia, atentei na filosofia da vegetação. Um quarto repleto de livros, a luz quebrada pela púrpura de um pano. O aroma do jasmim em frente detinha-se na janela: para cá, um misto de oratório e biblioteca. Um *pick-up* discreto. Sentia-me bem: as impossíveis viagens realizadas.

Quando ele me apareceu, a camisola interior de manga comprida, a distinção do seu sorriso, não cuidou de dar explicação à curiosidade que, estou certo, verificou tomar-me. Não era ele, contudo, que eu olhava na fotografia, nem me preocupava saber de quem eram os rostos tranquilos e seguros que me sorriam (afinal sorridos à esperança de que ele, sim, ele os recordasse e vivesse aquele seu momento): olhava era o fundo branco, iluminado, sobre que uma geometria rigorosa de ramos negros marcava sinais de pauta musical.

## II

Talvez os homens corresse, talvez a pressa determinasse a sua marcha cuidada e eficaz, o sobressalto dos outros à sua chegada, indicando a urgência de que iam tomados. A força que os conduzia era um desespero calmo, desatentos de móbil além da afirmação de ali estarem também. Num instante, quando o que afinal teriam aconteceu, sentiram-se senhores de um espaço que nunca lhes pertencera. Transpuseram um muro, outro, ainda outro, o fosso, encontraram-se na área reservada: tão fácil e mudável ser dela senhor! Quem procuravam, desertara.

Em outro dia, outro ano, a escuridão sobre o acampamento, ouvi-

ram-se sussurros de gente civil. A impotência desespera os homens; mas reforça-os também, na procura de impensadas solidariedades. Que moveria essa gente de dinheiro até a escuridão do acampamento, longe dos seus salões, clubes, bilhares? Que levava para oferecer aos seus escravos de ontem, porventura de amanhã também? Levava-lhes o pedido de desistência pela acção. Talvez nem uns nem outros o percebessem, nem adiantava que isso acontecesse: as palavras não ligam os homens tanto quanto podem desejar.

Houve ainda, por ali uma Sexta-feira Santa, marinheiros rodeando a Igreja Matriz, a soturnidade crioula macerando-se, quando um jovem de repente irrompeu da multidão, ergueu-se sobre um muro, disse que não, que a vida tinha de ser outra, mas que ele só não podia, ele só não podia. As lágrimas corriam-lhe, não pelo rosto, que eram precisas para o sentimento enorme que começava a empolgá-lo: só deixou que surgissem quando refugiado numa casa baixa, sem iluminação que não a sua, súbita, intensa, incontrolável.

Num caso e noutra e no seguinte, houve gente metida em navios, lamparinas de azeite de palma acesas, escrivãos, autos. Há um espírito de sal em tudo isto. As casas, como a gente, denunciam sal, nesta cidade. Ele se prolonga no tempero das necessidades mais recatadas, dos ritos mais secretos. Teria sido da escrita lenta e cursiva de autos que emergiu a figura do escrivão, ou apenas a sua voz, pontuando as dissaquelas alimentadas pelo panteão crioulo? Penas, aparos deram destino a esta gente, prolongando-a em caligrafia demorada, ao longo de laudas intermináveis, arrumando homens sobre homens, animais, caixas, ancoretas, peças do comércio em que se inseriam, possuidores e possuídos simultaneamente.

Daí o gosto pelos interrogatórios, tão poderoso que valia irrespectivamente às consequências. Pobres dos outros, os que não haviam sentido a importância de ser interrogado! Sentar-se num mocho ou numa cadeira, a importância ser do que ele diria, mentira ou invenção fosse. A estranha sensação, próxima do amor, do dar e do negar, de negar dando ou dar negando, que se sentia! Talvez tudo consequência dum passado de desconhecimento, desconhecimento estimado ainda quando fruste, próximo da total revelação quando já se não acreditava. Talvez tivesse sido essa a estrada das vocações para os officios da Justiça, quase sempre officiais de diligências, na época das glórias advogados provisionários. Alguns foram adiante, bacharéis feitos em terras longe, comissários nos tribunais das presas da escravatura. A força do ambiente era, porém, enorme, depressa

caídos na requerimentagem dos provisionários ou no banco dos réus, gozando a importância de serem interrogados.

As mulheres tiveram nisso o seu papel, no tempo em que se queixavam aos irmãos dos tribunais do namoro, intimamente apreciado, dos funcionários superiores, transferidos os maridos para as delegações da Alfândega, nos portos do Norte ou do Sul. Testemunhas e alcovi-teiras confundiam-se: escravas ou mulheres livres, immanava-as o gosto comum de vícios leves, o álcool ou o tabaco. Os seus depoimentos eram difíceis de entender, mas ficaram registados em autos dos tribunais onde os irmãos, familiarmente, depunham as queixas.

Algumas paredes que pedras e caliza datavam, referiam segredos mais íntimos, também mais longínquos, como o de Bárbara, a princesa, enleada nas linhas de um amor em que se iniciava, prisioneira ou afinal refém por sua irmã, capaz de favorecer, caso que outra explicação não tem além dos braços do militar amado, a fuga deste a caminho do interior que, contrariamente ao mar que as esquadras limitavam, era o refúgio onde continuar era possível, continuar o último valor.

Histórias, todas as referidas, afinal sem data, a ausência de uma cal cronológica dando-lhes o encanto das coisas sem idade no romance e que a mulher crioula aspirava, cada encontro com um homem sedento, não duvidava que dela, parecendo-lhe merecedor de uma página preenchida de letras gordas, cómodas para a sua leitura. As mães que, da escravaria herdada, conseguiram construir títulos, defendendo-as dos jorvens oficiais chegados, sobreviventes da primeira carneirada, a traçarem, ao primeiro relance, que a vida era curta, o plano dos dotes à vista, mais legais que os negócios que lhes estavam nas origens. A fúria delas quando, ruídas as muralhas supostas intransponíveis, a Igreja selava a vitória dos oficiais! Num instante, os espíritos dos escrivãos, dos advogados, dos clérigos, acorriam ao seu chamado, cartas e laudas ficavam escritas, despreocupadas de que a História um dia as surpreendesse, certas, porém, do sangue, isto é, a linha transmissora de bens, pouco sabendo do milagre ou acaso de alguém estar marcando, o porventura mais estranho e glorioso percurso que imaginar se possa, a vontade de cada qual de pouco sendo, aquilo de que cuidavam irreconhecível à passagem de um vento, à queda de alguma chuva.

As épocas não se repetem, pois as não há, o *décor* simplesmente mudado, a carga de sabedoria feminina sofrendo de inadaptaada aos cos-

tumes novos. Correram, no entanto, atrás do que para os irmãos era tarefa e sofrimento, para elas glória. Subiam e desciam as escadas que mais prezavam que os elevadores, promovidas, descomprometidas, a dactilografia traçando uma linha curiosa de destinos, também o papel militar em seu favor, não tinham que assinar coisa nenhuma, coisa nenhuma, entretanto assumiam-se os crioulos, a assinatura deixando de ser para eles apenas a dos vales com que excediam todos os meses os ordenados, não apenas dos vales com que excediam todos os meses os ordenados, não havia de ser quebrada a tradição do encontro com a Justiça?, pacificamente esperadas as sentenças, a familiaridade com oficiais de diligências e ajudante de escrivão, restituindo a importância suposta perdida.

Haveria que anotar outros pormenores para que algum realismo se insinuasse nesta lembrança, a cidade transmigrante entendida onde o leitor a localizou, não interessa porém propor viagem diferente da iniciada, por mãos de mulher ela se reconstituiu por toda a parte, as malinhas de mão das principais companhias aéreas do Mundo exalando um cheiro que, se desagrada, não levanta outras suspeitas, ao transporem as barreiras alfandegárias em diferentes aeroportos. E elas aí estão, com a certeza de que as suas pessoas é que marcam função à paisagem, o quintal seu tão longe com a sua mandioqueira, alargado à vista da neve das montanhas onde ansiarão um regresso à infância, levadas em teleféricas, as mãos inábeis mas voluntariosas transformando a fuba numa massa não idêntica à que as velhas faziam, a culpa seria destas que lhes não ensinaram, desinformadas de que isso fosse tão importante para justificar as sucessivas bolsas dos irmãos médicos, economistas, sociólogos, a cozinha crioula não esperava por esse valor diplomático, homens importantes a iniciarem-se na moamba, ou no bagre, ou no quitande, as suas mulheres cinematográficas atentas à explicação da diferença entre a farinha de musseque e a farinha de Malanje.

Pelo último parágrafo se vê que não há pormenor sem risco, as crioulas com certeza zangadas desse limite à cozinha, quando é certo que a Arte não pode deixar de ser mencionada, a sua presença nos mais belos espectáculos, glorificadas, fazendo recordar que durante mais de cinquenta anos, os que levou a mestra a ficar com a forma de uma harpa, não a haviam deixado desocupada, nos domingos à tarde, na sala de visitas tocando para os rapazes convidados o que eles aceitavam ser Mozart, Chopin, o dono da casa só com mais uns cabelos brancos em relação ao retrato com a mulher, proclamando a adesão à monogamia,

1979

importava manter os princípios, as fraquezas humanas sempre desculpáveis, como esclarecia a convivência clerical. Mas sem dúvida que o que maior expressão teve foi a modernidade das crioulas que trocaram os maridos dos seus casamentos precoces, a tempo esclarecidas, para verem os seus pés etc. seguidos por homens reverenciosos. Como a África se cumpre, pensavam, de repente descobrindo com que facilidade se pode dar resposta às solicitações mais inesperadas.

Era precisa muita coragem para a afirmação do talento, a tacanhez da cidade sem horizonte suficiente para deixar ver que a dança impõe um certo desnudamento, o que era natural fazerem, ainda sob ameaça de serem criticadas, quem critica afinal senão as que ficaram, as que nada viram, de nada sabem? A mulher crioula prolongava-se em modernidade, a dívida em que se lhe constituíam os homens por essa representação!, os tempos deram sempre notícia da sua perseverança, não a apagando a semi-obscuridade de interiores domésticos a que a supuseram submetida, o Sol raia para todos, depois das machilas veladas vieram os maximbombos, depressa aprenderam a apelar-se deles com a deferência que os óculos escuros significavam para a pequena guarda crioula de desempregados que as homenageavam, vencidos.

Uma tarde brumosa em altitude protege a cidade de que fixo em memória o que nela em vida se continua, conviventes homens e mulheres, um cheiro marcando a sua originalidade, um cheiro a alfândegas e a peixes secos, só alguns estranhos, porventura por troça, supondo que a gente. Não importa esclarecer, averiguar quem tem razão, nem esta adiantaria no sentido de que opiniões se modificassem e talvez pudesse deixar sem justificação o facto real, imperioso, de os crioulos se sentirem perseguidos, se perseguirem, instaurando a sua cidade, completa e irrecusável, onde quer que ela os atinja, vivos ou mortos.



